

Juros obscenos e ligações promíscuas

Carlos Honorato, agosto de 2016.

A taxa de juros, no Brasil, é a mais alta do mundo, o que faz com que a economia como um todo só conheça o movimento de “queda livre” e a política esteja, cada vez mais, sendo conduzida por corrupto-oportunistas. Para se entender aonde vai se chegar com essa política econômica sustentada por essa taxa de juros obscena (para dizer o mínimo!) pode-se recordar o que aconteceu com a França em 1848, ano em que a aristocracia financeira francesa conseguiu manobrar durante algum tempo mas, como todos previram, conseguiu, também, quebrar o governo, quebrar as instituições e quebrar o próprio Estado. O mais interessante é que, apesar de distante mais de 150 anos, o cenário é muito parecido. Pode-se dizer, inclusive, que o cenário brasileiro hoje é mais preocupante, porque o número de “oportunistas de ocasião” é maior.

Em fevereiro de 1848, em função do gigantesco déficit público, em função da falta de capacidade de gestão do rei Luiz Felipe e em função da sombra da Revolução Francesa (1789), o povo foi para as ruas, transformou Paris numa sequência de barricadas e derrubou o frágil e incompetente rei. Foi proclamada a República e instalada a Assembleia Constituinte. O problema é que os nobres representantes do povo (que não eram os “pobres” de fato, e sim a burguesia!) foram facilmente “convencidos” de que as dívidas do governo Luiz Felipe tinham que ser honradas e, com isso, a “aristocracia financeira”, que já tinha quebrado a monarquia, passou a quebrar a nova e fraca república. O problema foi se agravando e em junho de 1848 (mesmo ano) nova revolta acabou amordaçando as reivindicações populares e mais uma vez a “aristocracia financeira” continuou usando a França como “meio” de continuar enriquecendo. A frágil e nova República, inclusive, aumentou impostos (e o do sal é o exemplo mais emblemático!) para continuar “pagando” os juros da sua dívida pública. No final de 48, início de 49, a República implodiu, como era de se esperar, pois os camponeses espremidos pela dupla “juros-impostos” depuseram Cavaignac e sua ditadura com máscara republicana.

A história brasileira da luta republicana (???) entre a tia Dilma e temido Temer não deixa nada a desejar em relação aos agitados tempos de 1848 em Paris. A história, inicialmente, é muito parecida (pois ambos estão nas mãos da “aristocracia

financeira”) embora aqui exista um “segundo demônio” chamado “empreiteiras”. O Brasil está mal (quebrado, na verdade!) em função não só da imensa e contínua incompetência dos seus gestores (como na França!), mas do seu comprometimento altamente promíscuo com os bancos e empreiteiras. Em Paris, 1848, a aristocracia financeira foi suficiente para quebrar a República, e nós, aqui, hoje, temos a grande e decisiva contribuição das “empreiteiras”.

O Juiz Moro está fazendo o que pode para reduzir a “bandalheira oficial”, mas é impotente para mudar uma cultura centenária de corrupção que foi fortemente alimentada pelo governo da dobradinha PT-PMDB. O temido Temer, que insiste em dizer que vai mudar o cenário atual (...ilusão!, pois ele usa os seus bem falantes e camaleônicos ministros para dizer isso!), ainda não conseguiu reverter a “queda livre” da economia e os “ganhos astronômicos” do setor bancário (chegando a 450% por ano!). O Brasil não para de elevar seu número de desempregados (como aconteceu na França em 48) e enquanto isso a atual “aristocracia financeira” vive seus melhores momentos (=ganhando rios de dinheiro dos endividados trabalhadores). Só para se ter uma referência de comparação, a taxa de juros oficial do Japão é 0,25% ao ano (a nossa é 14,5%) e a taxa de juros do cartão de crédito é de 4 a 6% ao ano (a nossa está passando de 450%!). Logo, alguma coisa está errada! Errada para nós, mas muito certa para eles (= banqueiros, empreiteiros públicos, políticos, burocratas de alta patente,...).

As manobras oficiais do governo que perpetuam essas taxas de juros obscenas e perpetuam estas ligações promíscuas com os banqueiros e empreiteiras pode, um dia, levantar o povo do seu eterno “berço esplêndido” e então poderemos ter “mudanças reais”. É bom que os “governantes de ocasião” se informem do que aconteceu lá em Paris, 1848, pois os cenários são muito parecidos. Sorte deles (por enquanto!) é que brasileiro é bonzinho (=aguenta muito!), pois se fossemos franceses, e parisienses, as cidades já estariam tomadas por “barricadas urbanas”.